

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO

MÚSICAS DE

CANTADAS POR



FERNANDO PELLON



PAULINHO LÊMOS,



SYNVAL SILVA,



NADINHO DA ILHA



E CRISTINA.

Ciúmes, tiros e tragédia
ESTOU LHE MOSTRANDO A PORTA DA RUA
PARA QUE VOCÊ SAIA SEM EU LHE BATER

Seviciada em público
FUI TÃO BOM PRA ELA, DEI MEU NOME A ELA,
QUASE PASSEI FOME PARA HONRAR SEU NOME

Noivo desmaia de fome e assiste sentado às cenas do casamento

JOGUEI MEU CIGARRO NO CÃO E PISEI,
SEM MAIS NENHUM, AQUELE MESMO APANHEI E FUMEI.

Artificialmente limpa pelo processo Olivetti de tecladismo estéril, a MPB ultimamente não tem correspondido à violência do país que a produz. Pelo menos a MPB letra O, emanada da burocracia do show-biz e do oficialismo político do bom humor a preço de hiena. Fernando Pellon vai chocar essa hipocrisia generalizada vendida com rótulo de bom gosto e status. "Nunca gostei de eufemismo", vai logo

cantando ele. E dá nome às doenças, como fazia Augusto dos Anjos, com um requinte de morbidez que ainda perde, no entanto, para a crueldade exibida diariamente por nossas autoridades mais altas.

Quem quiser se assuste com Pellon, que também recobra tradições estabelecidas por arautos das campas tão divergentes quanto Nelson Cavauquino e Vicente Celestino. Para isso, basta ouvir "Flores de Plástico ao Amanhecer". Já o nosso recen-

te Aldir Blanc também poderia ter assinado algo tão flagrante como "Carne no Jantar". E por aí fora, só para que não se pense que Fernando Pellon é um estranho no ninho, ou alienista fugas. Melhor que sitnar tão precocemente sua obra é ouvi-la, com ouvidos desarmados de preconceitos. O poeta vale a pena, o violão, os convidados e os arranjos de João de Aquino e Paulinho Lemos.

TÁRIK DE SOUZA

O elepê CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO

[por Joe Strume]

Esta entrevista, que se tornou uma tremenda matéria/documento depois de respondida pelo entrevistado, é motivo de muito orgulho para mim. Tenho uma relação pessoal forte com o elepê CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO, que figura entre as descobertas mais impactantes dos meus 13 ou 14 anos correndo atrás de novidades em disco.

Uma coisa...

Uma coisa foi quando "abri a cabeça" para o samba, sendo desde adolescente ouvinte de roque. Você já escutou o único disco gravado pelo Carlos Cachaga? E o segundo do Cartola? Ou então, aquele LP de 1973 do Nelson Cavauquino? Ou ainda, o DOR DE COTOVELO do Lupicínio Rodrigues? Se não, chega de vacilo, você está perdendo álbuns dos mais ROOTS da música brasileira, artistas de carne e osso, nossos bluesmen!

Outra coisa...

Outra coisa foi quando conheci o disco CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO. As circunstâncias foram as seguintes: em junho de 2007 a revista BIZZ publicou um texto sobre o disco na sessão "Tesouros Perdidos", assinado por Ricardo Schott. Quando li, fiquei extremamente curioso para ouvir. Pedi ao Macaco que o baixasse (minha net era discada); ele o encontrou no Soulseek, não tenho certeza. Após receber a notícia do disco baixado, já fui perguntando "é bom? É samba-trash como diz na revista?" O Macaco, que até gosta de samba, falou que havia dado uma escutada rápida e que achou "melio-MPB".

Não vejo CADÁVER... como um disco de MPB (até porque essa conversa de Música Popular Brasileira só existirá pra mim quando o Waldick Soriano for açoite no queto hehe). CADÁVER... é um disco baseado no samba, é pronto! Isto basta! Além, a questão é respondida pelo próprio criador do elepê, ao final da imensa entrevista que espera o Sr (a) leitor(a).

O disco como um todo me pegou de jeito! O projeto gráfico (apreciável na edição original - veja as imagens reproduzidas a partir do LP!), as músicas, os arranjos e a execução, as interpretações dos convidados. As letras fúnebres, escatológicas de Fernando Pellon me bateram em cheio, principalmente pelo extremo contraponto de serem cantadas como "sambas doces". No meu ponto de vista, não é viável na maioria equiparar CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO com, por exemplo, o incrível disco do Velvet Underground, um ótimo exemplo no universo rock dessa junção de "letras perigosas com música doce". Assim, a música é apenas aparentemente comportada; na verdade, é mais perigosa que qualquer outra que tenta assim soar.

Peguemos ALTIVEZ como amostra, a 2ª música do lado A, que causaria inveja a Lou Reed e suas letras sado-masquistas dos tempos de Velvet.

Bata devagar

abusar de violência

é uma excreção

bata devagar

para que a dor eu possa

suportar com paciência

não quero traquejar

e em desespero ler rogar

um pouco de clemência

Bata devagar

e lento controlar

de tua ira

tamanha cupidez

bata devagar

cada membro meu aguarda sua vez

só não quero chorar

para ao mundo poder mostrar

as marcas deste amor

com altivez.

E o arranjo de João Aquino, com direito a um bandolim "sofrido", mais a interpretação de Synval Silva caíram igual luva - só ouvindo mesmo, para enfundar! Registre-se que Synval (1911-1994) era um sambista ROOTS: iniciou a carreira de compositor ainda nos anos 20, fez músicas para Carmem Miranda, ajudou a fundar GRES Império da Tijuca e, semelhante a muitos moicanos do samba, gravou apenas um álbum como intérprete (SÉRIE DOCUMENTO, RCA Victor, 1973).

Se descobrir o elepê foi uma experiência marcante, conhecer o criador de CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO, Fernando Pellon, equívaleu, numa comparação roqueira, a dar um aiô para o Lux Interior e beijar a mão da Poison Ivy!

Comecei o contato trocando emails com a Nara, filha de Pellon, que localizei após ela deixar um script na comunidade do Orkut dedicada ao CADÁVER... em março de 2009. O exemplo está aí. Orkut tem utilidade, não é só shit! [hehe] De imediato, já expus a vontade de fazer uma matéria sobre o disco para o blog, que estava no segundo mês de vida.

O passo adiante foi obter o celular e ligar para o Fernando Pellon. Confesso que, antes de telefonar, me bateu um pensamento dessa natureza:

- pô, e se o cara for doido, afinal fez essas letras sinistras? E se achar pela esse negócio de publicar uma matéria sobre um disco baseado em samba num blog de rock? Ou se nem der papo?!

Nada disso! Fernando Pellon é uma pessoa super agradável e foi bastante receptivo. Somenta ficou um pouco surpreso pelo fato de alguém da minha idade se interessar pelo trabalho dele, afinal quando eu estava engatilhando o LP era gravado. A receptividade foi tanta que Pellon até me retornou a ligação, depois dos meus créditos pré-pago acabarem no meio da conversa! [hehaha]

Eu havia comprado a edição original de um vendedor carioca que anunciou o LP no eBay, mas mesmo assim manifestei a vontade de ter uma edição autografada pelo criador do disco. Pellon contou que ainda tinha uma caixa com umas 20 cópias, never played, que guardara pelos últimos 25 anos, como "amostras" e tal. Fiquei de olhos arregalados, insisti que queria porque era coisa de fã... Dias depois, recebo um sedex com o LP novinho da Silva, mais a versão remasterizada em CD, organizada pelo arquiteto e artista midiático José Wagner Garcia nos anos 2000. A dedicatória veio no encarte, exatamente em cima da foto do cadáver e logo abaixo de "Cadáver pega fogo durante o velório - Seu desespero foi por causa de um vdu".

Para Joe Strume, que sabe, como diz Torqueto Neto, que um poeta não se faz com versos: é o risco, é estar sempre a perigo sem medo. Um abraço do Fernando Pellon.

Nem preciso dizer que pirei, né? Mala inspiração para a entrevista que preparava. É a entrevista que você pode ler adiante, cerca de 20 páginas de documento do Word, nas quais Fernando Pellon conta, em detalhes e com farta documentação de época, a história do elepê CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO.

Antes, preciso contar que a entrevista está pronta desde agosto de 2009. A idéia original era publicá-la no blog e pronto. No momento em que estava para colocá-la na rede, tivemos a idéia da versão impressa de ROCK-DE-PLÁSTICO. Foi então que pensamos em publicar uma parte online e guardar a outra como matéria exclusiva da edição impressa. Porém, se era para guardar, decidi fazê-lo com a entrevista toda: não consegui vê-la dividida. Liguei para o Pellon, que entendeu a estratégia e deu OK.

Por fim, resta dizer que esta matéria é um trabalho de fã, um esforço que endossa o coro formado pelos blogs que dispõem as MPBs do LP na rede, para que mais pessoas conheçam a entenda essa obra atemporal da música brasileira. "Eu ingeri uma dose letal de veneno e saio pela cidade, tudo está consumado..."

Trabalho de reprodução da imagem do LP por Eduardo M. Wapaczowski - "Edu, é o mínimo computadorizado"

Sobre FERNANDO PELLON

1 – Nascimento? Cidade? Onde viveu a infância e a adolescência?

Nasci em Barbacena (MG), no dia 31 de julho de 1956, na ocasião, meu pai era aviador na Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Antes de completar um ano, minha família voltou para o Rio de Janeiro, onde passei a infância e a juventude.

2 – Como você despertou para a música? Que músicas (artistas) escutava e como escutava (rádio, por exemplo)?

Quando voltamos ao Rio de Janeiro, moramos alguns anos na casa muito grande de meus avós maternos no Grajaú. Meus pais e meus tios gostavam muito de música popular brasileira e tinham muitos discos de 78 rotações, que eu ouvia o dia inteiro (Luiz Gonzaga, Elizeth Cardoso e Ângela Maria, dentre outros). Certa vez, ganhei de presente o LP do Bill Haley e seus Cometas com a música "Rock Around the Clock", da qual gostei muito.

O começo de minha adolescência foi marcado pela Jovem Guarda e pelos Beatles. Mais tarde, no ginásio, curti Woodstock, especialmente Jimi Hendrix e Janis Joplin. Além disso, minha banda favorita era o Jethro Tull.

Na Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, conheci no começo da década de 70 o meu futuro parceiro Roberto Bozzetti, que me apresentou à vertente tropicalista da música popular brasileira. Na época, presenciamos o surgimento dos Novos Baianos, Secos & Molhados e Raul Seixas.

Minha nova casa no Grajaú tinha um quintal muito bonito, onde meu pai gostava de promover serestas, com a presença destacada de seu amigo Synval Silva (que canta a música "Allivez" no "Cadáver...").

3 – Você é músico? Toca o que? Quando começou a aprender um instrumento?

Não toco instrumento algum. Minhas composições eram feitas de ouvido; o Paulinho Lemos depois me ajudava com o violão.

4 – Quando começou a fazer músicas?

No ginásio (1970-1971), fiz algumas letras para o meu colega Arlindo Paixão, o Mongol, que depois ganhou notoriedade como parceiro do Osvaldo Montenegro.

Na Escola Técnica Federal (1972-1974), passei a escrever poemas e discutir música popular brasileira com o Roberto Bozzetti. Vêm daí as raízes da Malta da Areia.

A partir de 1974, quando compus "Carne no Jantar", percebi o real poder das palavras. Na conceituação de Torquato Neto:

"Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra – um mundo poluído – explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arrebatado, retalhado em lascas de corte e fogo e morte (como napalm) espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: informação. Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas... Imprevisíveis significados. Partir pra outra, partindo sempre. Uma palavra: Deus e o Diabo".

5 – Quais as referências artísticas (musicais, literárias, cinematográficas, etc.) são mais significativas na sua trajetória como compositor?

Discos:

- Tropicália (1968);
- Gal a Todo Vapor (1971);
- Jards Macalé (1972);
- Nervos de Aço (Paulinho da Viola, 1973);
- Araçá Azul (Caetano Veloso, 1973);
- Walter Franco (1973);
- Aprender a Nadar (Jards Macalé, 1974);
- Adoniran Barbosa (1974);
- Cartola (1975);
- Galos de Briga (João Bosco, 1976);
- Prato e Faca (Cristina Buarque, 1976);
- Língua de Trapo (1982);
- Meu Samba Encabulado (Nara Leão, 1983);

Livros:

- BALANÇO DABOSSA e outras bossas (Augusto de Campos);
- Os Últimos Dias de Paupéria (Torquato Neto);
- O Kitsch, A arte da felicidade (Abraham Moles);
- 1984 (George Orwell);
- O Processo (Franz Kafka);
- Majakovski – Poemas (Augusto e Haroldo de Campos, Boris Schnalderman);

- Eu e outras poesias (Augusto dos Anjos);

Filme:

- Teorema (Pier Paolo Pasolini).

6 – Qual a sua formação acadêmico-profissional? Atualmente você trabalha com que?

Sou geólogo, formado em 1978 pela UFRJ. Obtive meu título de mestre no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em 1984, e de doutor na University of Nevada-Reno, em 1990.

Trabalho desde 1980 no Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras (CENPES). Também sou Professor Colaborador na COPPE/UFRJ.

7 – Depois de lançar o "Cadáver..." você continuou a "vida artística", ou seja, continuou compondo, fez mais gravações, teve músicas gravadas, se apresentou?

Depois do LP, participei como compositor da Malta da Areia no show "Maus Costumes", no musical infantil para teatro "Onde é que cabe um circo?" e no filme "É Miquelina, minha mulher".

8 – Qual o seu envolvimento com a música, atualmente?

Deixei o Brasil para o doutorado em 1987 (retornei em 1990). Em 1988, Paulinho Lemos se mudou definitivamente para Portugal. Tal "desencontro" representou, na prática, o fim de nossa parceria. Desde então, tenho escrito algumas letras, que repusam placidamente em uma gaveta e em um disco rígido. O futuro, quem sabe?

Sobre o elepê "CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO"

1 – Como surge o LP "Cadáver..."? Quais são suas intenções neste disco?

"Jaime Gonçalves, 75 anos, morreu, quarta-feira, ao meio dia, no Centro Hospitalar dom Silvério Gomes Pimenta, em Santos. Sem parentes na cidade, seu corpo ficou sendo velado apenas por um amigo. Ontem, pela manhã, o cadáver foi encontrado carbonizado. Há suspeitas de que o amigo abandonou o velório durante a madrugada e uma vela derrubada pelo vento causou o incêndio".

Foi esta manchete do jornal carioca Última Hora (22/01/82) que deu início ao projeto do LP independente "Cadáver Pega Fogo Durante o Velório".

A inspiração veio de Torquato Neto: "Organizar arquivos da imagem brasileira desses tempos, cada qual guardando seus filminhos, até que o filme todo esteja pronto. Planos gerais, retratos da paisagem geral, arquivos vivos, as fachadas, os beijos, as punhaladas: documentar tudo, poder crer: é isso."

2 – "Cadáver ..." fazia parte de um projeto maior, não é? Exponha.

O projeto do LP foi fruto de um trabalho coletivo da Malta da Areia, uma ala de compositores formada no início da década de 80, em Niterói, com o objetivo de discutir e criar música popular brasileira naqueles tempos bicudos. O grupo era formado por mim, Roberto Bozzetti, Paulinho Lemos, Fátima Lannes, Tonico Frazão e Renato Calaça.

Compus também com Paulinho Lemos a trilha sonora do curta metragem "É Miquelina, minha mulher", com roteiro de Fátima Lannes, inspirado na música "Flores de Plástico ao Amanhecer" e construído a partir de um epítáfio de 1917, mencionado no livro "Arte e Sociologia nos Cemitérios Brasileiros", de Clarivaldo Prado Valladares. O filme foi exibido em 1987, na 11ª Amostra Internacional de Cinema de São Paulo.

As letras das músicas da trilha sonora seguem abaixo.



Fernando Pellon e Paulinho Lemos - set. 2009

Jardim da Saudade (Fernando Pellon)

Você se espanta comigo
Só porque eu compreí a prazo um jazigo
No Jardim da Saudade
Para a sua eternidade
Você não acha sentido
Nessas coisas que eu lhe digo
Mas isso não é verdade
Até que a saudade
É um sentimento bonito
Condução pra lá é farta
Tem café, água gelada,
Escada rolante, som ambiente
Refrigeração permanente
A capela é bem moderna
Vitrais multicoloridos
Só porque a saudade
É um sentimento bonito

Não é bem assim (Fernando Pellon)

Ajudei na viuvez
Amparei na orfandade
Deixei de levar vantagem
Só por questão de amizade
Reparei a injustiça
Perdoei a ingratidão
No conceito dessa gente
Eu tenho bom coração
Ofertei o ombro amigo
Ao companheiro humilhado
Acalmei com meu conselho
O juízo perturbado
Sempre apontei o certo
Quando havia algo errado
Na idéia dessa gente
Sou homem considerado
Mas com a minha mulher
Não é bem assim
Há quem fale bem dela
Só por causa de mim.

Rigidez Cadavérica (Fernando Pellon e Paulinho Lemos)

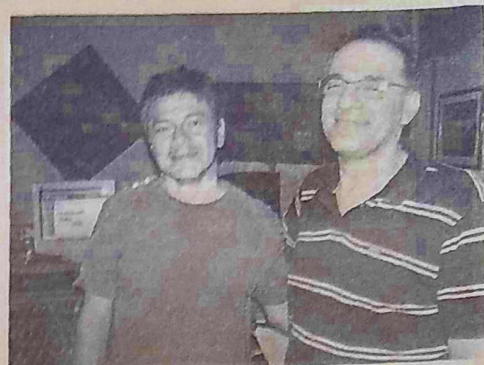
Tarde da noite
Me ligaram do necrotério
Tratava-se de assunto sério
Conforme me asseverou
O funcionário de plantão na ocasião.
- Meu coração palpitou,
Violenta emoção!
E assim chegou ao fim
Aquele grande mistério
Teu rosto, imagem de cera
A me fitar
Arrogante e sério.
Eu que passei o mês inteiro
Sem saber do teu paradeiro
Te imaginando a me traír
Por prazer ou por dinheiro.

Crime Hediondo (Fernando Pellon e Paulinho Lemos)

Eu lhe chamo "meu bem"
E você não me atende
Eu lhe chamo "dogura"
E você se rissente
(E o que me diz)
De um macho adequado
A seu lado
Um homem peludo e barbado
O tipo acabado
De vilão carismático
Eu tuoso, franzino,
E me desaponto
Com sua indiferença
Ante minhas carícias
Me recolho, no leito,
A meu canto
Espero o sono
E então me consolo
Sonhando
Com um mar de delícias
Com um crime hediondo

Alibi Vulgar (Fernando Pellon e Paulinho Lemos)

Pode me apunhalar
Pelas costas, se quiser
Perpretar mais uma traição
Se lhe aprouver
Prometo
Vou-me desculdar
Da janela cair
Ou me intoxicar
Com quaisquer trinta dinheiros
Você arruma um alibi vulgar
Não exijo sacrifícios
Só lhe rogo paciência
Luto e continência
No primeiro mês
De minha ausência
E com uma boa propina
Você que é esperta menina
Me dá um enterro de luxo
Às expensas da Previdência



Tonico Frazão e Fernando Pellon - set. 2009

3 - "Cadáver ..." pode ser considerado um "LP conceitual", no sentido das músicas compartilharem de temáticas comuns (as letras "trágicas", por exemplo). Como foram feitas as canções que integram o LP?

Eu curti muito na época um texto do Augusto de Campos intitulado "Informação e Redundância na Música Popular". Esse texto disculia as idéias de Abraham Moles sobre a oscilação da mensagem artística numa dialética banal/original, previsível/imprevisível, redundante/informativa.

Assim, para haver informação estética, deve ocorrer sempre alguma ruptura com o código apriorístico do ouvinte, ou, pelo menos, um alargamento previsto do repertório desse código. Segundo o Augusto de Campos, a informação é função de sua imprevisibilidade em relação ao receptor.

No entanto, a mensagem estética deve possuir uma certa "redundância" que a torne acessível ao ouvinte, pois ela ultrapassaria a capacidade de apreensão do receptor se fosse integralmente original.

Tendo isso em mente, procurei basear minhas composições em clichês pré-bossanovistas, tanto na parte de confecção das letras como nas soluções musicais (ou seja, assumido "mau gosto"). Havia, no entanto, uma tentativa de retrabalhar este material, rearranjar as peças, de modo que o produto resultante atuasse criticamente sobre a linguagem a partir da qual foi construído, ou seja, os "clichês" dos ouvintes da classe média do início da década de 80.

Para minha surpresa, vejo na Internet que o LP é hoje considerado ousado, inquieto e atemporal. Isso demonstra que, de algum modo, as questões de comportamento geral nele abordadas continuam pertinentes.

Como exemplo de inspiração, veja só esse material publicado na seção "Carta dos Leitores", do Jornal do Brasil, no período em que eu selecionava o material para o LP:

"Palavra Condenada - As autoridades competentes de Saúde Pública há muito se esforçam para extinguir a palavra Lepra da linguagem diária, para que os portadores de Hansenase (denominação correta da doença) não se afastem de seus tratamentos e de seus médicos e para que não sejam renegados pela família, já que os conhecimentos científicos atuais permitem a convivência destes pacientes na sociedade. É preciso eliminar o estigma e o primeiro passo é abolir a palavra. Dr. Oriando Janólio, RJ."

O texto abaixo, então publicado na seção "Carta dos Leitores", do Estado de São Paulo, também é muito interessante:

"A Origem Psíquica das Doenças - Pela experiência adquirida pelos anos de trabalho e investigação no campo da Parapsicologia, não tenho hoje qualquer dúvida em afirmar que as doenças orgânicas têm, direta ou indiretamente, origem psíquica. As pesquisas nos levam a concluir que o câncer se apresenta à Parapsicologia e à Psicanálise como um suicídio inconsciente. Cada pessoa "fabrica" seu câncer. Artêmio Longui, Capital."

Para finalizar, segue abaixo uma pérola: discurso do brigadeiro Jorge José de Carvalho, comandante do III COMAR, por ocasião da cerimônia em homenagem às vítimas da Intendente Comunista de 1935 (Última Hora, 28/11/1983).

"Naquela época (1935), como hoje, uma minoria infiltrada nas artes, deformando e omitindo fatos, nas universidades, mentindo aos jovens, e na família, degradando a moral dos costumes, tentou e tenta comprometer a organização social e política do país, que é com freqüência posta em risco pelo radicalismo de poucos e

20

Degolou o marido

SE QUISE SE DISTRAIR,
LIQUE A TELEVISÃO.
AMOR COMIGO, NAO.

Caseiro come orelha do rival por ciúmes

VEJA! JATOS DE SANGUE!
ESPETÁCULOS DE BELEZA

Matou a tia por um prato de mocotó

TRESLOCADA, SEMINUA, JOGOU-SE DO OITAVO ANDAR
PORQUE O NOIVO NÃO COMPRAVA MACONHA PRA ELA FUMAR

Era machão, mas apanhava da amante

NOSSO MATRIMÔNIO AINDA ERA RECENTE,
SEU NOME JÁ ANDAVA NA BOCA DESSA GENTE

Rapaz seqüestra ônibus em Cascadura

para mostrar à ex-namorada que é macho
ELA BAGUNÇOU A INFRA-ESTRUTURA DO MEU BARRACÃO

Infiel seqüestrada e amarrada à cama

SE DEPENDER DE MIM PRA VOCÊ VIVER
PODE ENCOMENDAR O CAIXÃO

Dormiu 70 horas com o cadáver da mulher amada

LADO A	JOÃO DE AQUINO	VIOLÃO OVATION
PORTA AFORA	RAFAEL RABELLO	VIOLÃO 7
FERNANDO PELLON	TUNICO FRAZÃO	CAVAQUINHO
VOZ	MAURICIO	BANDOLIM
JOÃO DE AQUINO	SÁVIO ARAÚJO	SAX-ALTO
VIOLÃO OVATION	AFONSO CORRÊA	BATERIA
RAFAEL RABELLO	MARCELO BERNARDES	SAX-SOPRANO/FLAUTAS
VIOLÃO 7	AFONSO CORRÊA	PANDEIRO
CAVAQUINHO	ZERERÉ	GANZA
TUNICO FRAZÃO	TAL COMO NAZARETH	VOZ
BATERIA	PAULINHO LEMOS	VOZ
PANDEIRO	RAFAEL RABELLO	VIOLÃO 7
	HELVIUS VILELA	PIANO
	VA ESPERANÇA	VOZ
	PAULINHO LEMOS	VIOLÃO OVATION
	JOÃO DE AQUINO	VIOLÃO OVATION
	HELVIUS VILELA	PIANO
	LUIZ CARLOS COELHO	BAIXO
	MARCELO BERNARDES	SAX-SOPRANO/FLAUTAS
	AFONSO CORRÊA	BATERIA
	PRAZER QUALQUER	GANZA
	CRISTINA	VOZ
	JOÃO DE AQUINO	VIOLÃO
	PAULINHO LEMOS	VIOLÃO
	FLORES DE PLÁSTICO AO AMANHECER	
	NADINHO DA ILHA	VOZ/TAMBORIM
	MARCIO	CAVAQUINHO
	BOLAÇO	SURDO/PANDEIRO
	ZERERÉ	GANZA
	AFONSO CORRÊA	BATERIA
	PAULINHO LEMOS, TUNICO FRAZÃO, BOLAÇO, FATI- NIA, LILI, JOBERTA, SOLANGE, NILDA E ROSA- RIO	CORO

TODAS AS MÚSICAS DESTES DISCOS SÃO DE FERNANDO PELLON. A EXCEÇÃO DE TAL COMO NAZARETH, COMPOSTA EM PARCERIA COM PAULINHO LEMOS, E FLORES DE PLÁSTICO AO AMANHECER, COM RENATO COSTA LIMA.
AGRADECEMOS AOS POETAS/JORNALISTAS CITADOS (COM LIGEIRAS ALTERAÇÕES)

PRODUÇÃO

ARRANJOS

DE CIGARRIZES, FEITO POR PAULINHO LEMOS

TECNICO DE GRAVAÇÃO

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

ASSISTENTE DE GRAVAÇÃO

MIXAGEM

ESTÚDIO

ARTE DA CAPA

ARTE-FINAL

FOTOCOPOSIÇÃO

PRODUTOR FONOGRÁFICO

VENTO DE RAIO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.
C6C30460869/0001-80 1E81343713 CP41032 RJ

PROJETO

PEÇAS

PEDIDOS

PHENAGEM

INDÚSTRIA BRASILEIRA

DISCO E CULTURA

pela complacência ou desconhecimento de inocentes úteis".

4 - Como se deu a reunião do time que participa do disco (músicos, intérpretes, arranjadores, engenheiros de som e produtor)?

Qual era a sua relação com estas pessoas?

Eles receberam cachê?

O projeto conceitual do LP foi desenvolvido por mim, Roberto Bozzetti, Paulinho Lemos e Fátima Lannes. Nós convidamos o jornalista Roberto Moura para a produção. Ele, por sua vez, indicou o João de Aquino para os arranjos. Assim foi formado o núcleo básico do trabalho, que, em seguida, selecionou o estúdio, músicos e intérpretes, bem como o pessoal da arte da capa e arte final. À exceção da turma da Malla da Areia, se não me falha a memória, todos os profissionais envolvidos receberam cachê, com recursos provenientes do meu próprio bolso.

Para dar uma visão "de dentro" da Malla da Areia, segue abaixo uma matéria publicada pelo Roberto Bozzetti no jornal O Fluminense (Nitorói), em 20 de fevereiro de 1984.

VIOLentas EMOÇÕES NO DISCO DE FERNANDO PELLON

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO, LP de estrêla de radicalismo. Radicalismo sobretudo estético, que faz com que o compositor assumia posição única na cena da música popular feita no hoje no Brasil.

Um aforismo de Torquato Neto que ficou célebre apresentando em 1967 o primeiro LP de Gil: "Há várias maneiras de se fazer música brasileira. Gilberto Gil prefere todas". Não é que Pellon despreze a lição tropicalista, antes pelo contrário, mas prefere uma única maneira. E sua forma de defesa e ataque contra qualquer coisa padronizada da linguagem e das "ousadias" de tantas estrelas de falso brilho. Daí ele dizer logo de cara nos versos que abrem o disco: "Quando eu soube que estava canceroso, ergui louvores ao Criador".

Então, hipócrita ouvinte, amigo meu, meu irmão, começa a minha a tua a nossa viagem por este disco monstruosamente belo onde, por exemplo, um personagem suporta sem chorar as surras da mulher para "ao mundo poder mostrar/marcas deste amor com altivez" (música *Altivez*); outro (ou o mesmo) toma uma dose de veneno e sai pela cidade blasfemando em seus instantes finais de vida (*Com Todas as Letras*); em plena crise lupicínica de dor de cotovelo o amante usa como metáfora do amor a lepra e sintetiza num cacófono significativo: "Nunca gostei de eufemismo" (*Vã Esperança*); em *Porta Afora* o cara se vale do fato de saber-se canceroso para chantagear e retomar simbolicamente seu lugar no lar desfeito.

Porta Afora é aliás a música-chave do disco: é nela que Pellon resume de forma mais exemplar sua peculiar visão de mundo onde o choque do "mau gosto" ocupa lugar privilegiado; tremei feministas semi-alphabetizadas que não entendem a ironia de Chico Buarque em *Mulheres de Atenas*; tremei diante de um verso como "um lar sem varão não vigora". Claro está que não se pode perder de vista a visão humorística do autor. Humor esse que começa no uso obsessivo dos mais gritantes lugares-comuns resultando às vezes autênticas kolagens de clichês, denunciando uma criação que paradoxalmente se alimenta do padre (tal como o agradecimento ao Criador pelo câncer nos versos citados acima).

A viagem é vertiginosa e vai de Nelson Cavaquinho ao *Monthy Python* de "O Sentido da Vida", passando por Vicente Celestino, Lupicínio, Noel, Monsueto, Ernesto Nazareth, Vanzolini, Adoniran, Augusto dos Anjos, Carlos Alberto (o rei dos boleros), Torquato Neto e last but not least, Jards Makalé. Guiando a locomotiva ainda o torpe Charles Baudelaire parando em todas as estações do inferno.

Maldito? Não apenas. O disco ficou 9 meses preso na Censura (das nove músicas foram cinco de cara vetadas - o último veto a cair foi o de *Com Todas as Letras*, sem trocadilho) e pode ser que estejamos agora diante de um acaso impressionante a se considerar na discussão (falsa, vá lá) do comercial/não comercial em MPB. Porque é impossível mesmo o mais desatento ouvinte não se deixar cativar por músicas tão diretas como *Carne no Jantar*, *Cicatrizes* ou *Flores de Plástico*.

Como se não bastasse, temos ainda cantando as mais eloquentes vozes de Sinyal Silva (o genial compositor de *Adeus Batucada* e outros clássicos), Nadinho da Ilha, Cristina Buarque e Paulinho Lemos (excelente nome da nova geração de compositores), além de João de Aquino nos arranjos.

5 - Como foi o trabalho da arte de capa-arte final do LP?

Você possui, hoje em dia, contato do Newton Lima, Wilton Montenegro - os responsáveis creditados pela arte gráfica do "Cadáver...".?

Passei alguns anos colecionando manchetes interessantes de vários jornais ("Caseiro Come a Orelha do Rival por Ciúmes", dentre outras). Além disso, a Malla da Areia realizou uma detalhada compilação de letras de músicas que estivessem afinadas com o espírito do "Cadáver..." ("Tresloucada, seminua, jogou-se do oitavo andar/Porque o noivo não comprava

Castrou o rival 19 anos depois

QUEM BATE NUNCA SE LEMBRA
MAS TAMBÉM QUEM APANHA
NUNCA SE ESQUECE

LADO A

PORTA AFORA
Fernando Pellon

Quando eu soube que estava canceroso
ergui louvores ao Criador
pois me desprezaste
me escorraçaste
destruindo nosso ninho de amor
um lar sem varão não vigora
perde de existir toda razão
mas em boa hora
mandaste-me embora
aos insultos e pontapés
porta afora

Porta afora, fiquei temeroso de início
ao saber da biópsia
o resultado positivo
mas logo qued-me tranqüilo
ao pensar no futuro
pois, homem prevenido
já tinha feito um seguro
terás pelo resto da vida
veneno alimentícia
só não sei o bordel que te encontro
para te dar a notícia
nem tampouco se atendes
por Norma, Marlú ou Leúcia
(só perguntando à polícia...)

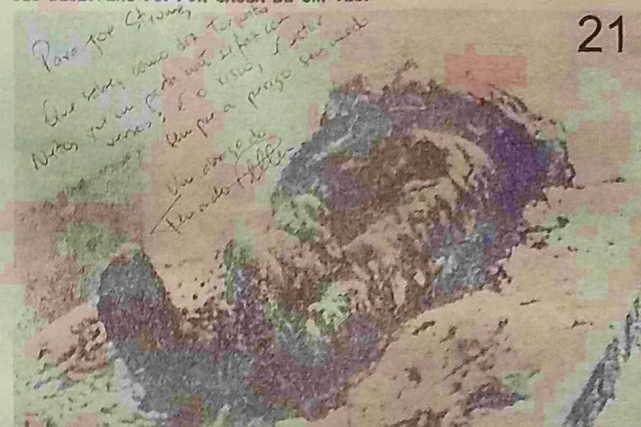
ALTIVEZ

Fernando Pellon

Bata devagar
abusar da violência
é uma excrecência
bata devagar
para que a dor eu possa
suportar com paciência
não quero traquejar
e em desespero te rogar
um pouco de clemência

Cadáver pega fogo durante o velório

SEU DESESPERO FOI POR CAUSA DE UM VÉU.



EU TE ESPEREI, MINHA QUERIDA,
MAS SÓ TE BEBEI DEPOIS DA VIDA

Desempregado depende da mulher

COM TODAS AS LETRAS

Fernando Pellon

Eu ingeri uma dose letal de veneno
e saí pela cidade
tudo está consumado

agora é fatalidade
o porvir então se resume
em mera questão de tempo
eu condensar o futuro
perspectivas de vida
em parcos, fígazes momentos

E pelas ruas vou-me liberando
quebrando vidraças
desacatando a autoridade
blasfemando contra a vontade de Deus
contra a Pátria
e a Propriedade
a agonía de um suicida
é a mais fiel expressão da liberdade
uma nau sem amarras
que os ventos da sorte
condemam ao porto, à morte

Sempre gostei do vermelho
"a cor do pavilhão é a cor do nosso coração"
e tento sem hesitar
com um objeto cortante
seccionar a jugular
então numa poça de sangue
descubro afinal que a felicidade
é ver enfim satisfeitas
com todas as letras
as minhas moribundas vontades.

Continua no verso

maconha para ela fumar", por exemplo). Surgiu também a idéia de utilizar na capa do LP fotos 3x4 dos intérpretes, no formato de carlões dos procurados pela repressão. Todo esse material foi entregue ao Newton Lima para a arte da capa e encarte. Ele fez um trabalho genial! Infelizmente, nunca mais tive contato com ele ou com o Wilton Montenegro.

6 - Quem bancou as gravações, a produção e a programação do disco?

Agrana foi toda minha.

7 - Fale sobre a Vento de Raio Produções Artísticas Ltda.

A Vento de Raio foi fundada em 1979, pela cantora Aline. Conhecendo a dificuldade para lançar um disco independente, ela abriu as portas de sua gravadora, emprestando o selo, sem qualquer tipo de exigência, a músicos como Pascoal Meirelles, Aláide Costa, Nivaldo Ornelas e Ricardo Vilas. Nosso produtor, Roberto Moura, entrou em contato com o Wilton Montenegro, um dos gestores da Vento de Raio, que aceitou ser a produtora fonográfica do "Cadáver...".

8 - Qual foi a tiragem do LP e como foi o lançamento?

Teve show de lançamento?

Apesar de ter sido gravado em março de 1983, o LP somente pode ser lançado no ano seguinte, em razão de problemas com a Censura Federal. A tiragem foi de 1000 discos. O show de lançamento ocorreu em 31 de janeiro de 1984, às 21 horas, no bar O Viro da Ipiranga, situado na Rua Ipiranga, 54, em Laranjeiras. Assim diz o convite: "O bar vai comemorar seu primeiro aniversário e aproveita a festa para lançar o elepê *Cadáver Pega Fogo Durante o Velório*, engavetado durante nove meses pela Censura Federal. Isso merece um brinde."

9 - Como foi a distribuição do LP e que tipo de repercussão teve na época?

O "Cadáver..." estava entre os agraciados com o Il Troféu

Chiquinha Gonzaga, com que a Associação dos Produtores Independentes premiou as dez melhores produções alternativas de 1983. O prêmio foi entregue no dia 30 de abril de 1984, com um show na Sala Funarte Sydney Miller. Tal fato motivou a publicação de várias matérias nos jornais, dentre as quais destaco a seguinte:

Maurício Kubrusly

STATUS, número 118, julho de 1984

O VÓO SONHADOR, E IRREAL, DO 14 BIS, E AS MAZELAS DOS BRASILEIROS

Assim como a verdade não é o prato principal dos discursos de quem está no poder, a realidade não é o ingrediente principal das faixas que estão na parada de sucessos. As canções que colocam um espelho diante da cara suja e fedida do Brasil, essas as rádios não tocam, as tevês não escalam. Quem quiser o vulcão do contraste, desses que ninguém pode fingir que não percebeu, compare o disco de Fernando Pellon com o do grupo 14 Bis. O de Fernando, de produção independente (é óbvio), se chama *Cadáver Pega Fogo Durante o Velório*, e não toca em nenhuma FM; o do 14 Bis é feliz a partir do título, *A Idade da Luz*, e está em todas as rádios.

Compreende-se: o 14 Bis vive no planeta sonho, jamais raspa a sola dos pés no chão - eles, inclusive, recomendam explicitamente: "Quem quiser aprender a dança do tempo/Vai ter de tirar os pés do chão." E assim levitando, o 14 Bis flutua numa versão atual dos contos da carochinha. E embarca em discos voadores, encontra seres luminosos, percebe naves de prata, descobre uma ilha de mel, desembarca no país das maravilhas, torna-se intimo de adoráveis criaturas, promove viagens delirantes, sabe o endereço do reino encantado e outras utopias de menino. A última faixa, *Pequenas Maravilhas*, não termina com o verso "e eles foram felizes para sempre", mas roca perto: "Cigarras e flores, contos de fadas/Não há/Um bem maior que a pequena criança".

Fernando Pellon, ao contrário, não arreda os pés do chão. E com o seu primeiro LP promove o enterro do eufemismo. Vicente Celestino

sempre recriando dificuldades cada vez maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poeta é simples, como dois e dois são quatro, sei que a vida vale a pena, etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, para quem não é poeta, é não trair sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a temer tudo, menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, "herdeiro" da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo, quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão."

O "Cadáver..." procurou segurar sua onda. As letras eram uma forma de resistir, de buscar novos caminhos. Na capa, usamos o formato de cartaz dos procurados pela repressão. A ambiência era de assumido confronto com o gosto médio brasileiro. Tudo foi cuidadosamente preparado para dar errado. Lição de Maiakóvski: "sem forma revolucionária, não há arte revolucionária".

De início, "Porta Afora", "Carne no Jantar", "Com Todas as Letras" e "Cinco Sentidos" foram censuradas. A Censura Federal liberou "Porta Afora" e "Carne no Jantar" em um documento datado de 24/08/1983. Atendendo a um recurso enviado ao Diretor Geral da Polícia Federal, em 22/11/1983, pela Vento de Raio Produções Artísticas Ltda., o Conselho Superior de Censura do Ministério da Justiça liberou "Com Todas as Letras" em sua reunião de dezembro. Nós decidimos retirar "Cinco Sentidos" do LP: para essa, qualquer esperança era perda de tempo.

Cinco Sentidos (Fernando Pellon)

Por teu amor cheirei o teu sovaco
Por teu amor funguei no teu cangote
Por teu amor não fiquei inibido
Em por à prova meus cinco sentidos
Por teu amor eu gastei muita ficha
De telefone e passei muito trote
Por teu amor ameacei de morte
Todos os meus rivais potenciais
Agora estou na rua da amargura
Fumando guimba de cigarro usado
Bebendo resto de cerveja quente
Comendo o que na travessa é deixado
Eos versos que te dediquei, poeta
Nos quais eu me entregava por inteiro
Eu reescrevo com as minhas fezes
Atrás da porta de qualquer banheiro

2 - E o que as músicas guardam do Rio de Janeiro daquela época?

Não há no LP uma referência geográfica ou cronológica precisa. O que existe, na verdade, é uma ambiência carioca difusa, algo que se passa em algum lugar do Centro do Rio de Janeiro, como nas contracapas dos discos "Galos de Briga" (João Bosco, 1976) e "Zezé Gonzaga & Quinteto Radamés Gnatalli" (com músicas de Valzinho, 1979). Vale lembrar que o "Cadáver..." foi gravado no Estúdio Havaí, na Rua Costa Ferreira, transversal à Senador Pompeu, área da Central do Brasil.

3 - As músicas tiveram que ser submetidas à censura?

Teve música que foi censurada?

"Porta Afora", "Carne no Jantar" e "Com Todas as Letras" foram inicialmente censuradas e depois liberadas. Como relatei acima, decidimos deixar "Cinco Sentidos" fora do LP, pois sua liberação seria impossível naquela época.

4 - Como surgiu o nome do disco?

A manchete do jornal Última Hora deu nome ao disco.

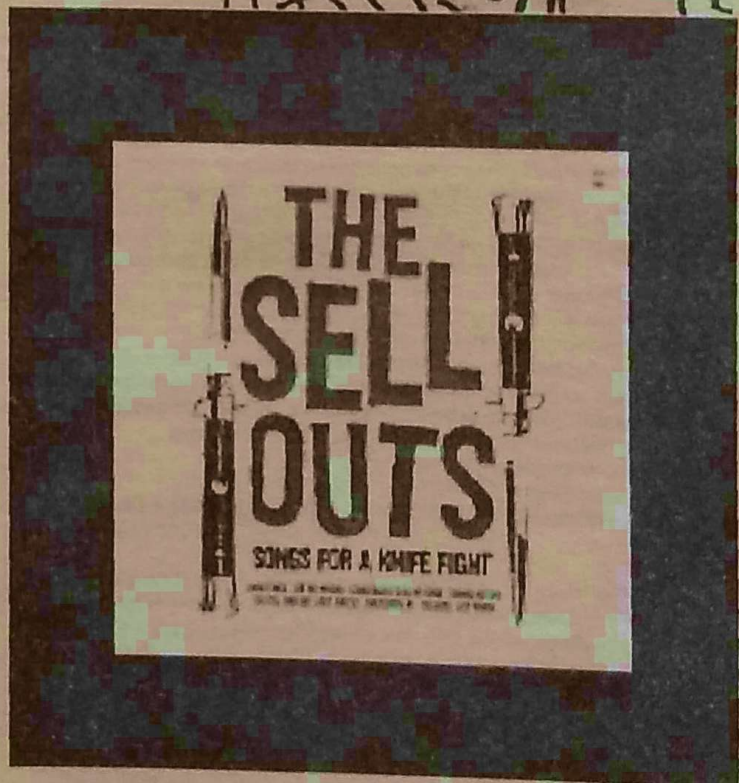
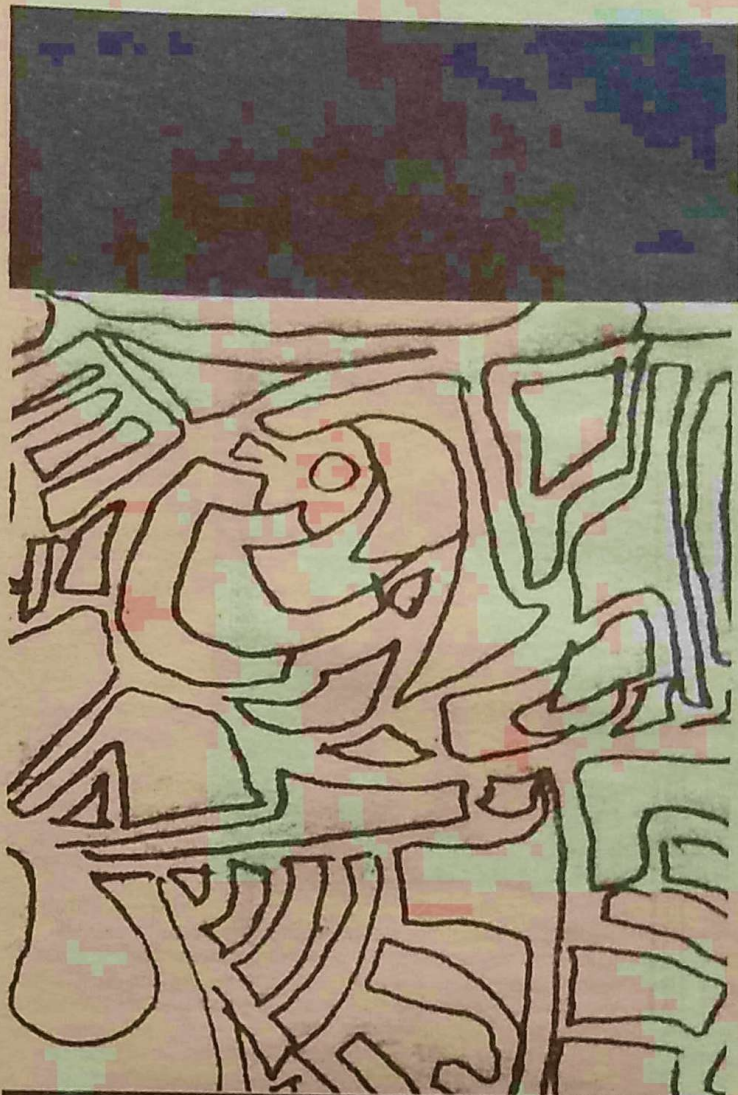
5 - "Cadáver..." é um disco de samba, ou de MPB?

Como bem disse o Roberto Bozzetti, eu não desprezo a lição tropicalista, muito pelo contrário. Sobretudo conforme o entendimento de Torquato Neto, no seu texto "Tropicalismo para os Principiantes":

"O que é Tropicalismo? Assumir completamente tudo que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou de mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido. Eis o que é".

Numa perspectiva tropicalista, a segmentação mercadológica

entre MPB, samba, pagode, chorinho, bolero, música sertaneja ou rock não faz o menor sentido. Coisas que me interessam: colagens e/ou fusões.



The Sell Outs - parte final! Tchan-nammm!! Maurício Mota

A Propósito das insistentes cobranças aqui vai a parte final da entrevista/texto sobre o Sell Outs. Espero sinceramente q n me acusem de preguiçoso, pq n foi o caso. Prefiro ateh encarar de outra forma, mas a lance eh q resolvi florear menos o texto e partir pro q realmente interessa: a entrevista. Que eh muito mais jogo q ficar enfeitando o texto com superlativos e tals..

É nas entrevista q podemos ver como era a cena dos Idos de 98, 99, 2000 no Brasil e lá fora. Ver como a banda se portava diante do fato de serem reconhecidos so na grina e aqui ninguém entenderem direito o espírito da banda.

Legal tb poder ver o processo criativo e evolução do Sell Outs ateh sua repentina dissolução por causa de um "surto pessoal" de um dos integrantes. A banda bateu as botas semanas antes do lançamento do "10" Music For Knif Figh" - que seria seu primeiro lançamento oficial.

Do ponto em q parei meses atrás recomeço pelo momento logo após o